

A INTERPRETAÇÃO DE EXAMES LABORATORIAIS COMO UMA FERRAMENTA AUXILIAR NA PROMOÇÃO DA SAÚDE EM NOBRES-MT

SCHMITT, Bruna Aimée Meinen¹; MURUSSI, Camila Rebellatto²;
SILVA, Valeska M.³; COSER, Janaina³

Palavras-Chave: Diagnóstico laboratorial. Profissionais da Saúde. Interpretação.

Introdução

A interpretação de um exame laboratorial está presente no cotidiano de muitos profissionais da área da saúde, como bioquímicos, biomédicos e técnicos de laboratório. Por isso, estes precisam verificar se o exame está correto e se está condizendo com a clínica do paciente. Além disso, outros profissionais da saúde, como enfermeiros e médicos, que trabalham diretamente com os pacientes, também entram em contato com os resultados desses exames para auxiliar na escolha da conduta mais adequada para o paciente.

Devido a todos esses fatores, que tornam os exames laboratoriais uma importante ferramenta no diagnóstico, quando utilizados de forma correta, percebe-se a necessidade de cursos e oficinas, que promovam a atualização e o esclarecimento de dúvidas em relação aos principais exames da rotina clínica.

Desta forma, o objetivo da oficina de interpretação de exames laboratoriais, realizada na cidade de Nobres – MT, durante a Operação Tuiuiú do Projeto Rondon, foi esclarecer aspectos relacionados à interpretação, coleta de amostras, valores de referência e correlação clínica de alguns exames realizados na rotina laboratorial, como hemograma, citopatológico e parasitológico.

Materiais e Métodos

A oficina de interpretação de exames laboratoriais ocorreu no dia 20 de julho de 2011 no município de Nobres- MT, no turno da noite, tendo como público alvo agentes de saúde, enfermeiros, técnicos de laboratório e demais interessados.

A metodologia utilizada foi uma palestra interativa onde todos puderam participar complementar e esclarecer dúvidas a qualquer momento. Foram abordados aspectos relacionados ao hemograma, que é um dos exames mais solicitados na prática clínica e também aspectos relacionados com os exames citopatológico e parasitológico.

¹ Rondonista, Acadêmica do Curso de Biomedicina- Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. brunaaimée@hotmail.com;

² Rondonista, Acadêmica do Curso de Farmácia- Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. camilamurussi@hotmail.com;

³ Rondonistas, Docentes do Centro de Ciências da Saúde - Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. Professoras orientadoras da Operação Tuiuiú-Projeto Rondon. tcheskabyo@yahoo.com.br, janacoser@yahoo.com.br.

Resultados e Discussão

A oficina, apesar de ter sido de curta duração, possibilitou muitas discussões. A diversidade de informações que o hemograma pode fornecer, embora em geral bastante inespecíficas, torna esse exame subsidiário e um dos mais solicitados nas práticas clínicas (GROTTO, 2009). Um estudo realizado em 2002 por Sandhaus e Meyer apud Grotto (2009) com o objetivo de identificar os componentes do hemograma considerados úteis na prática clínica, revelou resultados interessantes. Somente 4 dos 11 parâmetros rotineiramente fornecidos foram selecionados como úteis e frequentemente utilizados por mais de 90% dos profissionais inquiridos (hemoglobina, hematócrito, contagens de plaquetas e de leucócitos).

Parâmetros como o VCM, RDW acabam por não ser melhores utilizados na clínica por deficiência de interpretação dos mesmos. Muitos laboratórios de cidades pequenas, como Nobres-MT, que não possui uma rotina de exames muito extensa, ainda realizam o hemograma de forma manual. A adoção desta metodologia, não deixa de ser confiável, quando realizado por profissionais treinados e habilitados, mas atualmente no mercado laboratorial, os instrumentos automatizados oferecem alta sensibilidade e precisão na quantificação das células sanguíneas. Desde 1980, o uso da análise diferencial de leucócitos automatizada tem se tornado comum em vários laboratórios e os aparelhos podem facilmente ser adquiridos por comodato (FAILACE; PRANKE, 2004).

A contagem de plaquetas também faz parte do hemograma completo, sendo de extrema importância para avaliar pacientes com plaquetopenia ou plaquetose. Os laboratórios utilizam para essa contagem, métodos automatizados ou manuais, sendo os métodos manuais considerados por muitos imprecisos e inexatos. Coelho E. *et al*, 1981, demonstraram que as amostras contadas pelo método manual estão sujeitas a variáveis, que podem ser atribuídas à má distribuição de plaquetas nos campos focalizados.

Um estudo realizado por Leite, Junior e Miranda (2007), buscou verificar a existência de correlação entre os dois métodos manual e automatizado, concluindo que não há uma diferença significativa entre os dois métodos. Contudo, ficou evidente que a contagem de plaqueta manual varia, ficando a maioria abaixo das contagens automatizadas. Neste sentido, os participantes foram orientados sobre estes aspectos.

Outro exame que merece destaque é o exame citopatológico, pois no Brasil, o câncer de colo uterino é o segundo entre os tumores ginecológicos malignos e o terceiro mais comum na população feminina, representando 10% de todos os cânceres malignos em mulheres (INCA, 2002). Desta forma, o exame citopatológico possui um importante papel na detecção das lesões precursoras do

câncer do colo do útero, pois, quando diagnosticado precocemente, há grande possibilidade de cura, podendo ser tratado em nível ambulatorial em cerca de 80% dos casos (BRASIL, 2002).

Um dos maiores problemas que os laboratórios de citopatologia enfrentam em sua rotina são as altas taxas de resultados falso-negativos [...] para reduzir estas elevadas taxas devem somar esforços de todos os profissionais envolvidos na realização dos exames citopatológicos. (AMARAL, et al, 2006). Amaral e colaboradores (2006) observaram em seu estudo que, 40,73% dos esfregaços não tinham representação da junção escamo-colunar (ausência de células endocervicais e/ou metaplásicas) comprometendo assim a qualidade do exame. Este fator contribui para resultados falso-negativos, pois é sabido que é na junção escamo-colunar que se originam a maioria das lesões precursoras do câncer de colo. Outro aspecto observado neste estudo foi que, 30% dos esfregaços estavam mal fixados, o que também compromete a análise. Para melhorar esses aspectos os profissionais que realizam as coletas devem estar bem orientados, para garantir uma boa amostra para o laboratório, e um resultado correto ao paciente. Assim, os profissionais presentes na oficina, em especial os enfermeiros que fazem a coleta, foram orientados sobre estes fatores.

Também foi alvo de discussão o exame parasitológico, pois muitas vezes à ele é dado menos atenção. Porém no Brasil, as infecções por enteroparasitas ainda se encontram disseminadas e com alta prevalência, sendo que 130 milhões de habitantes são acometidos por alguma espécie de parasito intestinal (HOSHINO- SHIMIZU *et al.* 2003). A técnica mais utilizada na maior parte dos laboratórios é a Sedimentação Espontânea (SOUZA; AMOR, 2010) de acordo com Neves (2000), este método é indicado principalmente para a pesquisa de ovos de *Schistosoma mansoni* servindo também para a pesquisa de ovos e larvas de outros helmintos, limitado ou de nenhuma expressão para a pesquisa de ovos leves como o de *Enterobius vermicularis*, cistos e oocistos de protozoários.

Entretanto, percebe-se a necessidade de se utilizar pelo menos 2 métodos para diminuir a ocorrência de resultados falso-negativos. Quando isso for inviável devido, a rotina intensa, e é solicitada a pesquisa de um parasito em especial, devem ser executados, concomitantemente, o método geral e o específico, pois outros parasitos podem não ser diagnosticados se for executado apenas o método específico (NEVES, 2000).

Conclusão

Após realização dessa oficina, podemos concluir que, ainda existe uma grande carência de informações aos profissionais da saúde, principalmente ao que diz respeito aos exames laboratoriais. As áreas da saúde embora interdependentes, são interligadas, por isso, é preciso entender que todas as etapas do processo de realização dos exames são importantes (coleta-análise-

interpretação do resultado) e que todos os profissionais da saúde possuem um objetivo em comum à melhoria da qualidade de vida do paciente. Portanto, essa oficina contribuiu nesses aspectos, e que a partir disso poderão ser obtidos melhorias nos programas de rastreamento no município de Nobres-MT, como no preventivo de colo uterino e também nos resultados laboratoriais de uma forma geral.

Referências

FAILACE, R; PRANKE, P. Avaliação dos critérios de liberação direta dos resultados de hemogramas através de contadores eletrônicos. **Rev. Bras. Hematol. Hemoter.** vol.26 no.3 São José do Rio Preto 2004

SANDHAUS LM, MEYER P. How useful are CBC and reticulocyte reports to clinicians? **Am J Clin Pathol.** 2002;118(5):787-93.

GROTTO, HZW. O hemograma: importância para a interpretação da biópsia. **Rev. Bras. Hematol. Hemoter.** 2009;31(3):178-182

COELHO E. **Técnicas de estudo da coagulação.** 3ª. ed. São Paulo, Santos, 1981.

LEITE, AC; JUNIOR, NMS; MIRANDA, MS. Comparação Entre a Contagem de Plaquetas pelos Métodos Manual e Automatizado. **NewsLab** – ed. 81: 2007- 106-114.

INCA (Instituto Nacional de Câncer), 2002. **Câncer de Colo de Útero.** 5 Fevereiro 2002 <<http://www.inca.org.br/cancer/tipos/utero.html>>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Prevenção do Câncer do Colo do Útero. **Manual Técnico para Laboratórios.** Brasília, DF, 2002. 19 p.

AMARAL, RG; RIBEIRO, AA; MIRANDA, FA; TAVARES SBN; SOUZA, NLA; MANRIQUE, EJC; ALBUQUERQUE, ZBP; CARVASAN, GAF. Fatores que podem comprometer a qualidade dos exames citopatológicos no rastreamento do câncer do colo do útero. **Rev. Bras. Anal. Clín.**, vol. 38(1): 3-6, 2006

HOSHINO-SHIMIZU, S.; GOMES, J.F.; DIAS, L.C.S.; ARAUJO, A.J.U.S.; CASTILHO, V.L.P. & NEVES, F.A.M.A. - Detecção de Enteroparasitoses em Amostras Fecais Provenientes de Diferentes Localidades do Estado de São Paulo, Utilizando a Técnica de TF-Test. Rio de Janeiro (RJ), **Rev. Bras. Anal. Clín.**, 35(2): 46 B, 2003.

SOUZA, RF; AMOR, ALM. Controle de qualidade de técnicas realizadas nos laboratórios de parasitologia da Secretaria Municipal de Saúde do Município de Salvador, Bahia. **Rev. Bras. Anal. Clín.**, vol. 42(2): 101-106, 2010.

NEVES, D.P. – Parasitologia Humana. 10ª edição, São Paulo: Editora Atheneu, 2000.